

O Teatro conta a sua história no Colégio de Aplicação da UFRGS, ou parte dela

William Fernandes Molina¹

Resumo:

Por meio do entrelaçamento de textos autorais com memórias docentes, uma história narrando a presença do teatro no Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é recontada neste artigo. A intenção da escrita é apresentar um histórico do princípio da trajetória do ensino de teatro no colégio, a partir da produção de um texto com estatuto de documento, visto que advém de narrativas pessoais amparadas em pesquisa bibliográfica e documental realizadas pelo autor (MOLINA, 2021). A narrativa enfoca o momento da introdução do teatro como componente na matriz curricular da instituição e descreve algumas ocasiões que resultaram em sua inserção derradeira no currículo da escola. As principais referências do texto são os relatos memoriais de Dias, Faleiro, Guarita, Malinoski, Saldanha e Vieira (2020), e documentos relacionados às primeiras aulas de teatro no CAp/UFRGS. O texto memorial decorrente da conjunção das lembranças narradas revela o CAp/UFRGS como vanguardista no cenário nacional da educação pública por oferecer aulas de teatro curriculares aos estudantes já na década de 1970 e por experimentar modos de fazer o teatro se introduzir e se desenvolver no contexto da Educação Básica.

Palavras-chave:

Ensino de Teatro. Memória. História Oral. Narrativa. Colégio de Aplicação da UFRGS.

The Theater tells its story at Colégio de Aplicação da UFRGS, or part of it / or starts from it

Abstract: Through the interweaving of authorial texts with teachers' memories, a story narrating the presence of theater at Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS is retold – or invented – in this article. The intention of this writing is to present a history of the trajectory of theater teaching at school, based on the production of a text with document status, as it comes from personal narratives and versions of this story supported by bibliographic and documentary research carried out by the author (MOLINA, 2021). The narrative focuses on the moment when theater was introduced as a component in the institution's curriculum and describes some occasions that resulted in its final inclusion in the school's curriculum. The main references in the text are the memorial reports by Faleiro, Dias, Malinoski, Guarita, Saldanha and Vieira (2020), teachers who introduced the foundations for the teaching of theater developed at this school. The memorial text resulting from the conjunction of narrated memories reveals CAp/UFRGS as a vanguard in the national public education scenario for

¹ Doutor em Artes Cênicas (PPGAC/UFRGS), Professor de Teatro no Colégio de Aplicação da UFRGS. E-mail: wfmolina87@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6784-2160>

offering curricular theater classes to students as early as the 1970s and for experimenting with ways of making theater introduce and develop in the context of Basic Education.

Keywords: Theater Teaching. Memory. Oral History. Narrative. Colégio de Aplicação da UFRGS.

El Teatro cuenta su historia en el Colégio de Aplicação da UFRGS, o parte de ella / o comienza desde ella

Resumen: A través del entrelazamiento de textos de autor con memorias de profesores, en este artículo se vuelve a contar – o se inventa – una historia que narra la presencia del teatro en el Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS. La intención de este escrito es presentar una historia de la trayectoria de la enseñanza del teatro en la escuela, a partir de la producción de un texto con estatus documental, ya que surge de narrativas personales y versiones de esta historia sustentadas en investigaciones bibliográficas y documentales realizadas por el autor (MOLINA, 2021). La narrativa se centra en el momento en que el teatro fue introducido como un componente en el currículo de la institución y describe algunas ocasiones que resultaron en su inclusión definitiva en el currículo de la escuela. Los principales referentes del texto son los relatos de memoria de Faleiro, Dias, Malinoski, Guarita, Saldanha y Vieira (2020), docentes que introdujeron los fundamentos para la enseñanza del teatro desarrollada en esta escuela. El texto resultante de la conjunción de memorias narradas revela al CAp/UFRGS como vanguardia en el escenario de la educación pública nacional por ofrecer clases curriculares de teatro a estudiantes desde los años 1970 y por experimentar formas de introducir y desarrollar el teatro en el contexto de Educación Básica.

Palabras clave: Enseñanza del Teatro. Memoria. Historia oral. Narrativa. Colégio de Aplicação da UFRGS.

1 Introdução

Como contar a história do ensino de teatro numa instituição na qual ele já se faz presente como componente curricular há mais de cinco décadas? Tal questionamento, inicialmente, levou-me a empreender grande dedicação na escrita de uma tese que recebeu reconhecimento nacional², valor conferido não apenas à qualidade do trabalho realizado, mas, sobretudo, à sua relevância no cenário e na história da educação nacional.

Desde que voltei minha atenção para a compreensão dos modos pelos quais o ensino de teatro foi inserido no currículo do Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS e motivado pelo alcance e importância que o estudo obteve, sigo aspirando criar maneiras de compartilhar teórica e artisticamente momentos dessa trajetória pedagógica a fim de que esse percurso seja visibilizado e siga sendo documentado, vindo a se tornar fonte de referência para docentes e para escolas nas suas mais variadas esferas. Além disso, a organização dos documentos produzidos no trabalho propõe-se a compor fonte de estudo para outros/as pesquisadores/as, sobretudo àqueles/as dedicados/as ao campo da Pedagogia das Artes Cênicas e à história das instituições escolares.

Isto posto, este artigo apresenta um exercício textual – ou texto-invenção, como vou nomeá-lo e caracterizá-lo na sequência do trabalho – na busca por encontrar outras formas de deixar registradas as ocasiões que culminaram na inclusão do teatro como componente

² Prêmio CAPES de Tese 2022 na área de Artes.

curricular do CAP/UFRGS desde a década de 1970. Ademais, sob uma ótica bastante específica, o texto descreve algumas das ações docentes nesse período que, em conjunto, foram definindo os modos pelos quais o ensino de teatro passou a ser desenvolvido na escola.

Tomando por referência principal as narrativas memoriais de José Ronaldo Faleiro, Carmen Célia Guarita, Jussindra Krüger Malinoski, Miriam Benigna Lessa Dias, Suzana Saldanha e Virgínia Bressani Vieira (2020), apresento um texto que transita entre a memória, a ficção, a história e a invenção, e que apresenta ao/à leitor/a como o teatro começou a fazer parte do currículo do Colégio de Aplicação da UFRGS. Sendo oferecido, inicialmente, como disciplina voltada às turmas do Ginásio (atual Ensino Fundamental) e passando, depois de breve período, a ser oferecido também aos/às estudantes do ciclo colegial (atual Ensino Médio), o ensino de teatro no CAP/UFRGS introduziu princípios pedagógicos para o fazer teatral no contexto escolar.

Os momentos e personagens dessa história relacionada ao início das aulas de teatro no CAP/UFRGS são narrados de forma distinta daquela que assumiu nas linhas da tese e do livro derivado da pesquisa que se dedicou a tanto (MOLINA, 2023). No texto-invenção apresentado na sequência deste artigo, a história é narrada em primeira pessoa tendo por foco narrativo a versão apresentada pelo personagem Teatro, que surge personificado como grande observador das ações que lhe conferiram presença e espaço no currículo escolar e, de modo geral, no CAP/UFRGS.

2 Caminhos da memória para recontar uma história

Partir das memórias de outras pessoas para redigir um texto é um trabalho árduo e que carrega em si grande responsabilidade. No momento em que alguém compartilha suas lembranças, está se expondo, revelando um pouco de si e, por vezes, contando fatos de sua história que há muito tempo não vinham à tona daquilo que podemos imaginar como um poço de memórias, um “poço que não se pode olhar, mas do qual constantemente brotam sensações, imagens, palavras” (SÁNCHEZ, 2013, p. 34).

O trabalho que realizei para a produção de um texto contando o início das aulas de teatro no CAP/UFRGS, portanto, foi pautado pela história oral, metodologia que relaciona registros sobre um acontecimento com dados empíricos que partem da experiência de sujeitos. Nesse processo, há que se ter muito cuidado com o tratamento que será conferido às informações e às lembranças compartilhadas. De acordo com a pesquisadora Verena Alberti (2004, p. 9), “a história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato”. Segundo ela, uma das principais motivações da utilização do método é a busca pelo retorno ao fato. Para tanto, acessar relatos memoriais faz-se necessário.

O trabalho com a memória, no entanto, submete-nos a um território por muitas vezes movediço e que demanda muita atenção, bem como a compreensão de que muitos momentos vividos não serão lembrados. Conforme Ecléa Bosi (1994, p. 39), “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Convém lembrar, igualmente, que “o aspecto mais saliente da memória é o esquecimento” (IZQUIERDO, 2013).

Para Raquel Souza (2012, p. 101), memória é movimento e, por isso, “é também imaginação”. Além disso, conforme a autora, a memória opera de modo fragmentado, não

sendo capaz de reconstituir situações inteiramente, e sim “por vestígios, isto é, rastro, pegada, pista, como também estigma, sombra, restos” (SOUZA, 2012, p. 102).

Logo, a reescrita histórica que me propus a realizar foi feita a partir de vestígios de lembranças relacionados ao início das aulas de teatro no CAp/UFRGS que, certamente, não conseguem compreender todo o processo de instauração do teatro como componente curricular na escola, mas que são capazes de lhe conformar um princípio. Ademais, o trabalho com vestígios da memória não precisa ser tomado como insuficiente para compor uma produção. Muito pelo contrário, pois

Vivemos sobre vestígios. Funcionamos basicamente com vestígios. Uma coisa maravilhosa da arte do ator, da arte do executante do instrumento, da arte do cantor é que com vestígios ele constrói, reconstrói obras primas. E o público adora isso, ele recebe a bênção de ouvir frases, ou versos ou notas musicais das grandes figuras de nossa história artística [...] Isso o ator, o cantor, o executante o faz com vestígios. Ele se lembra de vestígios [...] E assim memorizamos, assim lembramos de músicas, assim lembramos de textos quando vamos atuar, assim lembramos de tudo. Lembramos através de vestígios, e sobre vestígios reconstruímos cada vez e cada vez reconstruímos coisas diferentes (IZQUIERDO, 2013, p. 18).

A memória também carrega consigo traços de invenção, o que me possibilitou tomar a liberdade de reelaborar ou costurar fragmentos de narrativas memoriais que foram concedidos a mim por docentes que lecionaram no Colégio de Aplicação da UFRGS entre os anos de 1970 até a primeira década do século XXI.

Contar uma história foi, então, a forma escolhida para visibilizar o histórico do ensino de teatro no CAp/UFRGS por acreditar que

[...] o meio mais eficaz para a transmissão da memória é o relato de histórias. Por outra parte, a maneira mais efetiva de transmitir a História é igualmente contar histórias. Toda história tem um componente ficcional, que é assumido como inevitável no processo de transmissão. Quando a ficção se apresenta como ficção e não afeta decisivamente as memórias e histórias comuns, é um sintoma de que a relação entre passado e imaginação é frutífera e produtiva (SÁNCHEZ, 2013, p. 45-46).

Para recontar essa história, revisei documentos encontrados e produzidos na investigação que empreendi durante o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS (PPGAC/UFRGS). As principais fontes consultadas foram trechos de transcrições de entrevistas realizadas com Dias, Faleiro, Guarita, Malinoski, Saldanha e Vieira³. Também foram referência para o texto alguns documentos que versam sobre a história do CAp/UFRGS e que fazem menção aos conteúdos e atividades das aulas de teatro na escola nos primeiros anos da década de 1970.

Para a composição do texto, muitas fontes de informação foram utilizadas. Algumas delas aparecem listadas nas referências deste artigo, mas outras derivam de uma série de documentos que foram acionados mais propriamente durante a pesquisa que desenvolvi acerca do histórico do ensino de teatro no CAp/UFRGS. Além das lembranças constantes nas

³ As entrevistas foram feitas de modo presencial e remoto durante o ano de 2020 e constituem acervo pessoal do autor em arquivos de áudio que totalizam mais de 10 horas de gravação e 142 páginas de transcrição.

narrativas dos seis docentes de teatro que colaboraram com o estudo, o texto costura uma série de outros dados obtidos por meio da leitura de artigos e relatos de experiência que descrevem momentos da trajetória histórica e pedagógica da instituição que foram publicados em periódicos do campo da Educação.

3 Uma história sobre o início das aulas de teatro no CAp/UFRGS

Tudo o que não invento é falso.
Manoel de Barros

A epígrafe de Manoel de Barros para o livro “Memórias inventadas” (BARROS, 2018), tomada de empréstimo para esta seção do artigo, foi disparadora na escolha pela escrita de uma composição textual que optei por nomear texto-invenção. Nessa compreensão, invento um texto que, sem a pretensão de ser tomado como registro absolutamente fiel do passado, pode assumir estatuto fidedigno, ou seja, de algo que corresponde à verdade. Trata-se de um texto inspirado em recordações do real – ou do vivido – permeado por narrativas minhas e de outros sujeitos sobre uma memória que se tornou coletiva.

Ele se submete às normas da língua portuguesa, não contém palavras inventadas e não foge dos moldes de uma produção literária usual. O caráter de invenção se aplica mais especificamente ao fato de que me permiti inventar conexões entre trechos de lembranças, entre histórias que me foram contadas por diferentes pessoas sob a forma de relato oral ou escrito. Para conseguir estruturar o texto, dando-o sentido, portanto, inventei alguns fragmentos da história. Sendo assim, nem tudo o que é dito no texto aconteceu da maneira que a descrição permite imaginar.

No texto inventado que se segue, portanto, teço as recordações de sujeitos que habitaram o CAp/UFRGS junto de novos fios que partem das minhas próprias lembranças a respeito do que me foi narrado e dos nós que consegui estabelecer por meio da sobreposição dessas histórias – ou tramas – que a mim foram contadas. Afinal, “a escrita é um lugar de incorporação de conhecimento sensível, bem como conhecimento teórico, além de um lugar de integração tanto de emoção, quanto de cognição” (FORTIN; GOSSELIN, 2014, p. 13).

Encontrei-me num dilema para decidir se, ao longo do texto-invenção, eu indicaria as referências das situações e informações mencionadas, evidenciando-as entre parênteses, conforme é usual em textos acadêmicos que seguem as normas ABNT (sistema autor-data). Num primeiro momento, imaginar sua inserção por entre as linhas da composição textual pareceu-me um modo de conferir autoria àquelas e àqueles que me concederam a informação, seja por uma narrativa oral, seja por meio dos textos que produziram e que me foram referência. No entanto, imaginar que a história recontada poderia ficar repleta de interrupções à fluência do texto me fez repensar o modo de fazer as devidas referências. Cheguei a cogitar inserir notas de rodapé para indicar a fonte de cada dado, fato ou lembrança, mas, da mesma forma, temi que o vai e volta do corpo do texto para o rodapé da página interferisse na continuidade da leitura. Assim, optei por indicar, a seguir, a que fontes recorri para a redação do texto.

Para a descrição de situações do cotidiano vividas por estudantes do CAp/UFRGS, a principal fonte de referência foram os textos da edição especial da Revista Cadernos do Aplicação, alusiva aos 50 anos do colégio (CADERNOS DO APLICAÇÃO, 2004). Nessa

edição do periódico, ex-discentes e docentes que habitaram a escola desde o ano de sua fundação tecem relatos sobre suas experiências no colégio. O artigo “A Torre Azul”, de autoria de Lucas Grimaldi e Dóris Almeida (2018), também foi fonte de referência para essas descrições, visto que discorre exatamente sobre o histórico da instituição e os espaços ocupados por ela, tomando por referência as narrativas de antigos alunos e professores. Um relatório de aulas compartilhado por Faleiro de 1972 também foi referência para a descrição de atividades desenvolvidas nas turmas durante as primeiras aulas de teatro no colégio.

O protagonista da história do texto-invenção é o próprio Teatro e será a partir da perspectiva dele que os primeiros anos do ensino de teatro no CAp/UFRGS são narrados. A mim, autor desta invenção textual, coube o exercício de imaginar outra maneira de narrar e de analisar os fatos, ou seja, descrever o passado por uma ótica distinta da minha, mas que advém de minha experiência como pesquisador e escutador das memórias que foram compartilhadas comigo. A esperança é que, em alguma medida, o objetivo de envolver o/a leitor/a no reconhecimento da trajetória pedagógica do ensino de teatro na escola seja alcançado.

O texto que, enfim, apresento é a tentativa inicial de um pesquisador-professor-artista de teatro de organizar narrativas memoriais de docentes que lecionaram no Colégio de Aplicação da UFRGS, concedidas por meio de entrevistas, naquilo que se pode imaginar como o que poderia vir a ser a primeira parte de um extenso romance recontando a trajetória do ensino de teatro numa escola pública federal do sul do Brasil.

A partir de agora, portanto, quem assume o discurso é o Teatro. É ele quem vai contar o início de sua história – ou parte dela – no CAp/UFRGS, uma história que começou mais ou menos assim...

3.1 O despertar

Naquela manhã, o som dos passos ecoando pelas escadas e o agradável rumor da conversa e das risadas juvenis dos estudantes saindo em direção ao pátio do Campus Central da universidade despertaram-me de um jeito diferente, como se anunciando que algo bom estava para acontecer. Havia euforia no ar. Da janela do 4º andar da Torre Azul, apelido dado ao prédio por estudantes que passaram a habitar o lugar a partir do ano de 1966, acompanhei o movimento de alunos e alunas em direção ao recreio, como de costume.

Pelo que ouvia das falas das professoras e dos professores do colégio que, semanalmente, reuniam-se com docentes da Faculdade de Educação da UFRGS naquele mesmo prédio, aqueles meninos e meninas que obtinham aprovação nos exames admissionais para ingresso no CAp eram muito aplicados e possuíam vasto repertório cultural. Nas ocasiões pontuais em que estive junto deles e delas, pude perceber isso também. Lembro-me de ter sido convidado, durante algumas tardes, para ensaiar apresentações em Língua Francesa e em Língua Portuguesa, isso nos primeiros anos da escola, quando as aulas ainda aconteciam em salas cedidas na Faculdade de Filosofia. Olhando para eles e elas naquele instante, a saudade se achegava e me fazia seguir desejando reencontrá-los mais vezes, mais seguidamente.

Ávido pelo momento em que poderia conviver mais acentuadamente com aquelas pessoas, passei meu olhar pelas brincadeiras que se desenrolavam nos grupos pelo pátio, à espera, quem sabe, de um convite para também brincar. Algumas crianças se divertiam pulando sapata, outras se revezavam no lançamento de piões e, no campinho, outras jogavam

bola. Os mais crescidos conversavam em pequenos grupos e até se confundiam entre os estudantes do ensino superior que também frequentavam aquele espaço. O fluxo de adultos pelo lugar era frequente, pois os quatro andares superiores do prédio eram ocupados pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação desde 1970.

Curioso para ver tudo o que acontecia pelo pátio, segui minha investigação até que acabei cruzando meu olhar com o da professora Isolda Paes, vice-diretora do colégio desde sua fundação, em 1954. No mesmo instante, pareceu-me que ela havia dado uma piscadela em minha direção.

Dona Isolda, como sempre, estava impecavelmente vestida, com seus cabelos crespos muito bem arrumados e seu semblante comunicava todo o carisma típico de sua figura e presença. Junto dela estava um jovem rapaz de cabelos na altura dos ombros, calça *Lee*, camisa e sapatos, com quem logo simpatizei. Havia nele um *je-ne-sais-quoi*⁴ que me cativou. Aгуcei a escuta para tentar captar o conteúdo da conversa dos dois. Pelo que compreendi do diálogo, a Dona Isolda oferecia a ele a possibilidade de realizar seu estágio docente em duas turmas do Colégio de Aplicação.

Era comum ver estudantes da UFRGS vindo realizar seus estágios de prática pedagógica nas turmas do CAP, pois o colégio, desde o princípio, havia sido criado com o intuito de se transformar em campo preferencial para formação docente. Mas eu não pudera, ainda, acompanhar as primeiras aulas de quem almejava se tornar professor ou professora, pois ninguém de teatro viera lecionar na escola... até aquele momento.

Não contive minha felicidade ao descobrir que aquele rapaz que muito educadamente conversava com a vice-diretora estava para concluir o curso de formação de Professor de Arte Dramática no CAD, o Centro de Arte Dramática da UFRGS! No rosto dele, um largo sorriso se manifestou. Sorrimos em sincronia, pois o momento que há alguns anos eu esperava havia chegado.

Tendo-se passado dezesseis anos desde a fundação do CAP, eu seria convidado de vez para ingressar em sala de aula!

3.2 Um início que ficou marcado

No segundo semestre de 1971, enfim, um estagiário do curso de Arte Dramática da universidade iniciaria sua prática pedagógica nas dependências do Colégio de Aplicação. Eu estava pronto e na expectativa de, finalmente, estar em sala de aula de modo mais formalizado e frequente. No dia que marcaria o início das aulas de teatro no CAP, fui com antecedência para a sala e ajeitei-me confortavelmente numa das cadeiras de fórmica mais ao fundo da sala da turma de 2º ano do Colegial. Aguardei ansioso pela chegada dos estudantes e do novo – e primeiro – professor.

Na hora determinada, a turma entrou na sala, acompanhada pelo professor que trazia consigo um projetor de *slides*. Enquanto o estagiário ajeitava o equipamento, os alunos e alunas tomavam lugar em suas cadeiras. Durante esse momento que antecedeu o início das atividades de aula, fui percebendo um clima maroto na sala. Havia risinhos de canto, cochichos, combinações. Eu já tinha ouvido algumas histórias sobre o modo como alguns estudantes recepcionavam os estagiários e estagiárias que chegavam ao CAP e também já havia presenciado situações pelo colégio que demonstravam que, por vezes, aqueles jovens

⁴ Expressão em francês que faz referência a algo que não se consegue definir, mas cuja existência é compreendida de forma intuitiva (LAROUSSE, 2024).

transgrediam regras a fim de demarcar seu espaço na escola. Isso me causava certa apreensão.

Lembro-me do dia em que muita água tomou conta dos corredores. Descobriu-se que alguns estudantes tinham entupido a pia da sala de Alemão, localizada no 5º andar, e aberto a torneira. Também ouvia falar dos sustos que pregavam nos estagiários quando se punham a caminhar pelas marquises do prédio. Assim como essas, outras histórias mais corriam pelos corredores. Será que aqueles jovens peraltas aprontariam alguma traquinagem com o professor justamente no dia pelo qual eu aguardei por tanto tempo? A voz do estagiário cumprimentando a turma e iniciando sua prática me trouxe de volta ao presente, fazendo com que eu me desapegasse da conjectura que estava construindo.

José Ronaldo Faleiro era o seu nome. Ele era aluno do Curso de Direção Teatral e também estava se formando como professor de Arte Dramática pela universidade e, por isso, precisava encontrar um lugar para realizar o seu estágio. O convite da professora Isolda Paes, que houvera sido sua professora durante o curso de Letras, o qual cursou durante um ano, foi o que possibilitou sua presença no CAp. Depois dessa contextualização, Faleiro ligou o projetor e pôs-se a comentar os *slides*, dando início aos trabalhos.

O professor começou sua aula mostrando para a turma o poema “Rotação”, de autoria de Cassiano Ricardo, poeta modernista brasileiro, conforme se soube a partir da contextualização feita por Faleiro. Pelo que me lembro, o poema dizia assim: “A esfera em torno de si mesma me ensina a espera, a espera me ensina a esperança, a esperança me ensina uma nova espera, a nova espera me ensina...”. Enquanto o poema era lido, uma movimentação inesperada captou minha atenção. Algo me dizia que os estudantes estavam prestes a...

Eis que o temor anteriormente imaginado se tornava real: alguém puxava o fio que ligava o projetor na tomada elétrica, desligando o equipamento. Os risos da turma contrastavam com o meu pesar e com a aflição que pude perceber em Faleiro, que via o planejamento de sua aula tendo de ser abandonado ou reconfigurado naquele momento. O susto, no entanto, não se estendeu por longo período, pois em seguida os estudantes admitiram o que tinham feito, comentando que se tratava apenas de uma brincadeira usual e religaram o projetor. Assim, com fortes emoções, o professor iniciou sua jornada no CAp.

3.3 Tateando modos e lugares

A prática docente de Faleiro e sua relação com as turmas e com a escola, de modo geral, foram tão bem sucedidas que, ao final do período de seu estágio, a Dona Isolda convidou-o a permanecer lecionando no CAp como professor contratado a partir do ano seguinte. Essa foi uma grande conquista e, por isso, dedico às pessoas envolvidas com a entrada derradeira do ensino de teatro no currículo do CAp a minha eterna gratidão.

Estar em sala de aula, para mim, passou a ser algo cotidiano a partir da contratação do professor. As turmas com períodos de Teatro, inicialmente, foram as de 6ª e de 7ª série do 1º Grau. Acontecia assim: enquanto 15 estudantes de uma turma tinham aula de Teatro, a outra metade do grupo participava das aulas de Artes Plásticas ou de Música, outras das linguagens artísticas presentes no currículo da escola. No 2º Grau, as aulas de Teatro tinham caráter optativo.

Quando aconteciam nas salas das turmas, as aulas de teatro demandavam a reorganização dos móveis dispostos pelo ambiente. Assim, era comum que, antes de iniciar

as atividades práticas, os alunos e alunas se pusessem a arredar mesas e cadeiras a fim de abrir espaço para as atividades corporais que ali se desenvolveriam. O professor Faleiro tinha muita estima por trabalhos teatrais que requisitavam a resposta corporal e expressiva aos estímulos lançados a partir de sua orientação. Naquele período, inclusive, a expressão corporal ganhava destaque nos estudos e práticas de teóricos e de grupos de teatro nacionais

Na condição de estudante de teatro na universidade e de ator em coletivos teatrais cujos integrantes, em grande parte, também eram vinculados ao CAD, Faleiro fazia das salas de aula do CAp uma extensão das salas de ensaio e convidava crianças e jovens à descoberta das possibilidades expressivas do corpo na vida e em cena, daquilo que podia surgir a partir da sua relação com seus próprios corpos e com o espaço em volta. Estávamos descobrindo e experimentando juntos os modos pelos quais o teatro se faria presente no contexto escolar.

Numa das aulas, enquanto Faleiro organizava um círculo de cadeiras com auxílio dos estudantes para o que depois seria uma aula voltada à investigação do potencial expressivo dos gestos, dei uma olhada nos livros e materiais que, frequentemente, acompanhavam o professor nas aulas. Dentre os títulos que consegui ver antes de me fazer presente junto dos alunos e alunas em suas descobertas, lembro-me de “*El niño actor y el juego de libre expresión*”, de Michel Small; “*Les Arts et la vie : place et rôle des arts dans la société*”, uma publicação da UNESCO; “*Improvisation for the theater*”, de Viola Spolin. Junto dos livros havia uma página do Caderno Cultura do Jornal Zero Hora datado de 11 de abril de 1970 com o seguinte título: “Antes de tudo, teatro é corpo”⁵.

Seguidamente o professor portava consigo alguns instrumentos musicais com os quais ritmava os jogos e propostas teatrais nas aulas. Coquinhos, pandeireta e tambor eram utilizados por Faleiro e pelos alunos e alunas para marcar o ritmo das cenas improvisadas ou para sublinhar a ação das personagens criadas. Faziam-se presentes na aula também algumas máscaras que auxiliavam na caracterização das figuras de cena e que, igualmente, inspiravam histórias, pois nas aulas de teatro os estudantes eram seguidamente convidados a imaginar situações, desenvolvendo sua expressividade verbal e corporal.

Havia dias em que as aulas eram dedicadas a reflexões mais teóricas, momentos em que o docente apresentava às turmas alguns dos períodos do teatro ao longo da história, como o Teatro Grego e o Teatro Romano, e exibia imagens complementares à sua explicação com o auxílio do projetor. Outras vezes, as aulas ganhavam os corredores da escola e a exploração do espaço amplo despertava novas possibilidades de expressão nos estudantes.

O professor Faleiro, como percebi, gostava de propor a experimentação de lugares diversos para a construção de cenas. Ele comentava que, nos Estados Unidos, havia um grupo, o *Living Theatre*, que costumava apresentar suas montagens em espaços não convencionais e que buscava alternativas para estabelecer uma relação mais próxima com a plateia. Era perceptível que o grupo era uma de suas inspirações para a prática em sala de aula e na sala de ensaio com o grupo do qual fazia parte, o Grupo Província.

Guardo com carinho a lembrança das vezes em que deixamos as dependências da escola para fazer teatro em outros lugares. Um dia ele programou uma aula sobre o palco do Auditório Araújo Vianna, um espaço cultural da cidade localizado no Parque Farroupilha. O lugar que costumava receber shows regionais e nacionais foi utilizado, naquele dia, como espaço cênico aos alunos e alunas do CAp que, sobre o palco, apresentaram situações dramáticas criadas e trabalhadas em sala de aula. O próprio Parque da Redenção com seus

⁵ Tradução feita pelo professor Faleiro para o artigo homônimo do jornalista e escritor francês Alain Schifres.

inúmeros espaços ao ar livre também serviu de inspiração para jogos e atividades cênicas, além de promover momentos de integração e descontração entre a turma.

Não me lembro de termos saído juntos para assistir a espetáculos de teatro fora da escola, nos teatros da cidade. Mas recordo-me que, por vezes, Faleiro comentava sobre algumas montagens que estavam em cartaz, deixando em aberto o convite para alunos e alunas que pudessem ir. Numa das minhas primeiras incursões para fora dos limites da escola, acompanhei alguns estudantes que foram ao Teatro São Pedro, no centro da cidade, assistir ao espetáculo “Sonho de uma noite de verão” junto de suas famílias. A versão do Grupo Província para o espetáculo de William Shakespeare agradou aos espectadores e, em especial, àqueles estudantes que puderam ver o seu professor em cena.

Dos momentos marcantes desse período, não posso deixar de lembrar de uma aula que entrou para a história, literalmente, pois foi tema de reportagem para um jornal local, o “Exemplar”. O professor avisou a turma com antecedência que jornalistas visitariam a escola para acompanhar uma das aulas e fariam registros fotográficos. O anúncio causou *frisson*. No dia combinado, descemos até uma sala no térreo do prédio, que fora reservada pelo professor. A atividade orientada por Faleiro foi “A planta mágica”. Os alunos ficaram dispostos pela sala e deveriam expressar com seus corpos as orientações das etapas de crescimento de uma grande planta que, ao final, retornaria à sua forma mínima. Conforme a atividade ia acontecendo, um fotógrafo ia registrando algumas imagens. Ao final da aula, a turma foi dispensada e o professor seguiu a conversa com os jornalistas, quando comentou sobre a proposta realizada e respondeu às perguntas que lhe foram feitas. Consigo lembrar muito bem das suas palavras ao relatar ao jornalista alguns dos princípios orientadores do trabalho com teatro na escola: “Procura valorizar certos elementos característicos do teatro como a movimentação, a expressão do corpo, a inflexão vocal, a articulação, considerando principalmente a necessidade que o aluno tem de se expressar e movimentar com muita liberdade”.

As experiências vividas nas aulas com o professor ficaram marcadas não apenas nas páginas do jornal, mas, principalmente, nas nossas vidas. Ter iniciado a prática teatral na escola sob a condução de Faleiro foi fantástico. Arrisco-me a dizer que melhor maneira não haveria. Sua rápida, competente e sensível passagem pelo CAp deixaria saudades.

3.4 *Au revoir et bienvenue*

Era setembro de 1972 quando Faleiro, com a voz embargada, comunicou às turmas que, dali a um mês, viajaria para fora do país e, infelizmente, teria de deixar a escola. Ele explicou que havia recebido uma bolsa de estudos para cursar a pós-graduação na França. Ficamos comovidos com a notícia. Evidentemente, seu convívio e presença tão agradáveis participando de reuniões e de eventos no colégio e sua maestria na condução das aulas fariam falta. Todavia, torcemos para que o professor continuasse alçando voos cada vez mais altos.

Com sua iminente saída, não pude deixar de pensar qual seria o futuro das aulas de teatro na escola, pois, sem dispor de docente que as orientasse, será que permaneceriam acontecendo? Será que o teatro continuaria com o espaço que havia conquistado no currículo do CAp? Deixei as preocupações de lado para me envolver junto de alguns estudantes na preparação de uma despedida simples, mas muito sincera e carinhosa ao professor.

No dia da viagem de Faleiro, eu estava na rodoviária de Porto Alegre junto do grupo de jovens que empunhavam uma faixa de despedida. Aquele artefato carregava em si um pouco da saudade que já sentíamos do querido mestre que, durante o tempo em que lecionou no CAp, conduziu discentes pelos caminhos do teatro e também me levou pelos caminhos da escola e de fora dela. Ele entrou no ônibus rumo ao Rio de Janeiro para, de lá, embarcar para a França, onde realizaria seus estudos e onde acabaria vivendo por longo período.

Pouco tempo depois da saída de Faleiro, a diretora do CAp, Graciema Pacheco, depois de ver o que o ensino de teatro era capaz de proporcionar aos estudantes e à escola como um todo, tratou logo de buscar por outra pessoa que pudesse me fazer companhia e que, principalmente, me apresentasse para mais alunos e alunas do colégio. A Dona Graciema era uma pessoa muito bem relacionada e convidava a ingressar na escola professores e professoras afinados com seus ideais pedagógicos e que detinham grande estima e reconhecimento no cenário educacional e cultural da cidade.

No dia em que fiquei sabendo que a nova professora de teatro da escola estava para chegar, tratei de me dirigir até o gabinete da diretora para, junto dela, acompanhar a apresentação da docente.

Passos firmes ecoaram pelo corredor. A porta aberta à espera da professora permitiu que, de longe, eu visse a sua figura vindo ao nosso encontro. De algum modo que não sei explicar, sua presença preenchia todo o espaço. Ela trajava uma capa que me remeteu a uma indumentária bastante teatral, que se movia misteriosamente conforme a professora ia se aproximando da sala. Achei a cena muito interessante, como se uma personagem muito aguardada estivesse pronta para adentrar na história, ou melhor, estivesse prestes a fazer história naquele lugar. As duas professoras abraçaram-se em sinal de amizade. Foi a saudação feita pela Dona Graciema que permitiu que eu soubesse quem, a partir daquele momento, daria sequência às aulas de teatro na escola: “Olga Reverbel, querida, que bom que estás aqui”.

Considerações para a continuação da história

Conforme antecipei no título deste artigo, o texto-invenção apresentado dedicou-se a narrar uma parcela (parte) da história do teatro na instituição, revelando que é essa história que o compõem e que lhe imprime princípio, existência e permanência no currículo do CAp/UFRGS, ou seja, é dela que ele parte, inicia.

A descrição dos acontecimentos que resultaram na introdução do Teatro como componente da matriz curricular do CAp/UFRGS e a exposição de uma parcela das situações vividas em sala de aula levam a perceber que, desde seus primeiros anos, o CAp/UFRGS cumpria com a função atribuída às instituições de ensino vinculadas às universidades federais que era a de servir como “campo de experimentação pedagógica para a renovação e melhoria do ensino hoje denominado Fundamental e Médio” (BENITES, 2006, p. 35).

Além disso, já nos primeiros anos da década de 1970, uma escola pública federal no sul do país oferecia aulas curriculares de Teatro para seus estudantes. Desse modo, a instituição cumpria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação vigente naquele período, a LDB 5.692/71 (BRASIL, 1971) que, em seu artigo 7º, exigia a inclusão da Educação Artística nos currículos plenos dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus. O CAp/UFRGS, inclusive, não apenas cumpria a lei como, desde aquele período, acreditava que o ensino da arte na escola se beneficiaria da atuação de docentes especialistas assumindo a docência em

disciplinas específicas, ou seja, em cada uma das linguagens artísticas presentes no currículo (Artes Visuais, Música e Teatro) e não de modo generalista.

O retorno ao período em que o ensino de teatro foi introduzido no currículo do CAp/UFRGS revela que sua inclusão partiu da necessidade da escola oferecer um campo de estágio para um professor em formação, o primeiro professor de Arte Dramática formado pelo Centro de Arte Dramática (CAD) da UFRGS, hoje Departamento de Arte Dramática (DAD). A motivação para a entrada do Teatro como componente curricular no colégio e a sua permanência, pelo que se observa, beneficiou-se da relação amistosa e de confiança estabelecida entre José Ronaldo Faleiro e Isolda Paes, o que permitiu que o docente dispusesse de espaço de experimentação para as práticas teatrais na escola.

O histórico apresentado evidencia que, no princípio das aulas de teatro no CAp, os referenciais teóricos e práticos relacionados às Artes Cênicas na sala de aula e ao ensino de teatro, de modo geral, provinham do exterior. As obras eram em língua estrangeira, sobretudo em língua francesa, o que revelava que as publicações sobre o ensino de teatro em língua portuguesa ou traduzidas para o idioma eram escassas.

Não por acaso, no texto-invenção, fiz uso de palavras e expressões oriundas da língua francesa. Naquele período (anos 1970), as maiores influências ao campo das artes da cena no país, pelo que pude observar a partir da pesquisa realizada e da conversa com os docentes que fizeram sua formação no CAD, artistas, teóricos, diretores, pedagogos e autores franceses integravam os principais referenciais do currículo do curso de Teatro da universidade.

A própria professora Olga Garcia Reverbel, que foi quem deu seguimento às aulas de teatro no CAp/UFRGS, figura entre as artistas e docentes que, a partir de meados do século XX, viajaram para a França para aprofundar seus estudos em Teatro e Educação. Foi na França, inclusive, que ela conheceu o trabalho de León Chacérèl, diretor, ator e dramaturgo francês que muito influenciou seu trabalho e direcionou as ações que empreenderia com o teatro no contexto escolar.

Na continuação da história, coube às próximas gerações de docentes de teatro do CAp/UFRGS buscar por referenciais nacionais e regionais para a concepção teórica e metodológica das práticas, como assim o fizeram na sequência da trajetória histórica do ensino de teatro na instituição. Reverbel tornou-se autora expoente no campo do teatro-educação nacional e parte de sua obra relata práticas desenvolvidas e concebidas no CAp/UFRGS. Ao seu lado, na sequência dos anos, as professoras Miriam Dias, Jussindra Malinoski e Virgínia Vieira desenvolveriam ações visando consolidar um currículo para o ensino de teatro, fruto de um trabalho coletivo que se perpetua até hoje.

Ciente de que “toda descrição é, de fato, uma interpretação no sentido de que é a seleção de informações e atribuição de significações a partir de uma memória e de um imaginário individual e coletivo”. (FORTIN, 2009, p. 82), reconheço que a versão apresentada para a história se trata apenas de um dos modos pelos quais é possível recontar a trajetória do teatro no CAp/UFRGS. Outros olhares, perspectivas e memórias, certamente, conferiram-lhe outra interpretação. E por ter “o presente como fio condutor” (GRIMALDI; ALMEIDA, 2018), a lembrança que fiz das lembranças que ouvi e dos fatos que reorganizei é, também, bastante datada. Se o fizesse em outro momento da vida, possivelmente, a história contada poderia assumir outras nuances. De acordo com Souza (2012, p. 103), “a memória pertence ao presente, porque aquilo que a memória de alguma forma recupera do passado é reconduzido ao presente daquele que relembra. E assim se revive outra vez e mais outra e mais outra”.

Foi *de* memória e *sobre* memórias que escrevi o texto-invenção apresentado nas páginas deste artigo. *De memória* porque muito do que foi narrado já faz parte de meu repertório pessoal, de minhas lembranças, de informações e fatos que já são, para mim, familiares e presentes em meu discurso, pois advêm de um dedicado trabalho de reconfiguração do histórico do ensino de teatro no Colégio de Aplicação da UFRGS ao qual me dediquei por longo e significativo período de minha vida e atuação profissional como docente-pesquisador-artista. E o texto foi, ainda, *sobre memórias* porque, de fato, foi a elas que recorri para redigir essas páginas, pois foram as minhas memórias e as de outros docentes que reconfiguraram o momento de introdução e os primeiros anos do ensino de teatro na instituição.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.

BENITES, Leticia Neutzling. **Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Processos Inclusivos**: trajetórias de alunos com necessidades educacionais especiais. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, p. 6377, 12 ago. 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 28 jan. 2024.

CADERNOS DO APLICAÇÃO. Porto Alegre: Colégio de Aplicação da UFRGS, v.17, n.1/2, jan./dez. 2004.

FORTIN; Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. Trad. Helena Mello, S. **Cena**, Porto Alegre, v.7, p. 77-88, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961/7154>. Acesso em: 18 jan. 2024.

FORTIN, Sylvie; GOSSELIN, Pierre. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. **Art Research Journal (ARJ)**. Brasil, v. 1, n. 1, p. 1-17, Jan./Jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5256>. Acesso em: 17 jan. 2024.

GRIMALDI, Lucas Costa; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. “A TORRE AZUL”: memórias de espaços escolares pelas narrativas de estudantes e professores (1954-1996). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 48, p. 140-170, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/15180/10024>. Acesso em: 22 jan. 2024.

IZQUIERDO, Ivan. Conferência de abertura do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE). *In*: SILVA (Coord.); MASSA; SPRITZER; SILVA (Orgs.). **Tempos de Memória**: vestígios, ressonâncias e mutações. Porto Alegre: AGE Editora, 2013.

JE-NE-SAIS-QUOI. *In*: **Dictionnaire Larousse de Français**. Paris: Larousse, 2024.

Disponível em:

<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/je-ne-sais-quoi/44853#:~:text=%EE%A0%AC%20je%2Dne%2Dsais%2Dquoi&text=Chose%20qu'on%20ne%20saurait.%2Dsais%2Dquoi%20de%20touchant>. Acesso em: 23 jan. 24.

MOLINA, William Fernandes. **Docência e ensino de teatro no Colégio de Aplicação da UFRGS (1954-1996)**: memórias emprestadas para uma narrativa sobre as bases de um projeto pedagógico. Porto Alegre, 2021. 473 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFRGS, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/219211> . Acesso em: 28 jan. 24.

MOLINA, William Fernandes. **Teatro e docência no Colégio de Aplicação da UFRGS**: uma história escrita a partir de memórias emprestadas. Salvador: Mente Aberta, 2023.

SÁNCHEZ, José A. Memórias de todos os lados. *In*: SILVA (Coord.); MASSA (Org.); SPRITZER (Org.); SILVA (Org.). **Tempos de memória**: vestígios, ressonâncias e mutações. Publicação originada do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE). Porto Alegre: AGE, 2013.

SOUZA, Raquel R. Chaves para ler as Memórias inventadas, de Manoel de Barros. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n.40, p. 99-112, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/YwkD7JGHQhLD8kM96HpMJbk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.

Contribuições da autoria

Autor 1 (William Molina): Conceitualização, Organização, Interpretação e Análise de Dados, Investigação, Metodologia, Redação.

Data de submissão: 31/01/2024

Data de aceite: 01/03/2024